

**iNOVA MEDIA LAB: DO "CHOQUE DE FUTURO"  
A UM ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DIGITAL  
iNOVA MEDIA LAB: FROM A "FUTURE SHOCK"  
TO AN INNOVATION DIGITAL ECOSYSTEM**

---

---

**PAULO NUNO VICENTE**

PNVICENTE@GMAIL.COM

UNL/FCSH

CIC DIGITAL | iNOVA MEDIA LAB

**RESUMO**

Partindo de sinais que evidenciam um "choque de futuro" no ensino superior dos media e do jornalismo em Portugal, este artigo identifica o problema de uma intermediação quebrada entre a sala de aula, as unidades de investigação, as comunidades locais e a indústria. Assume-se o lugar e a cultura experimental do laboratório, aqui representado pelo iNOVA Media Lab, como uma zona de troca que opera objectos de fronteira. Propõe-se que este tipo organizacional híbrido está, assim, vocacionado para práticas de "translação" e atribui-se à Universidade um renovado papel social: o de corporizar uma intermediação de confiança.

**PALAVRAS-CHAVE**

Empreendedorismo, inovação, laboratório experimental, media digitais, translação.

**ABSTRACT**

Following signs of a "future shock" in media and journalism higher education in Portugal, this article identifies the problem of a "broken middle" between the classroom, research units, local communities and the industry. As a place and as a culture, the experimental laboratory, here represented by iNOVA Media Lab, is portrayed as a "trading zone" operating "boundary objects". It is proposed that this hybrid organizational type is thus geared to translation practices. A renewed social role is assigned to the University: to embody a trusted intermediary.

**KEYWORDS**

Entrepreneurship, innovation, experimental lab, digital media, translation.

# INOVA MEDIA LAB: DO “CHOQUE DE FUTURO” A UM ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DIGITAL

## INOVA MEDIA LAB: FROM A “FUTURE SHOCK” TO AN INNOVATION DIGITAL ECOSYSTEM

---

---

PAULO NUNO VICENTE

PNVICENTE@GMAIL.COM

UNL/FCSH

CIC DIGITAL | INOVA MEDIA LAB

### Introdução

Este texto parte do reconhecimento da emergência de um “choque de futuro” no ensino dos media em Portugal e propõe a criação de um ecossistema de laboratórios experimentais e interuniversitários vocacionados para a prototipagem de soluções úteis (“protolabs”), integrando *start-ups* de raiz científica, como locais de acção na (re)construção de práticas inovadoras que respondam aos desafios das sociedades contemporâneas.

Uma proposta deste género implica a admissão de actuais insuficiências, apesar de substanciais desenvolvimentos nas últimas décadas: a persistência de uma cultura de antinomia entre o *teórico* e o *prático*, o *ensino* e a *investigação*, a *universidade* e o *politécnico*, a *ciência* e a *técnica*, a *cultura* e a *economia*. Num esforço de convergência de cérebros de confiança, trata-se de, com a nossa proposta, (re) encontrar fórmulas que permitam à Educação renovar a sua relevância no mundo de hoje e de amanhã.

Retoma-se aqui uma ideia com mais de quarenta anos: a de que “um choque de futuro ocorre quando somos confrontados pelo facto de o mundo no qual fomos educados para acreditar não existe mais. As nossas imagens da realidade são aparições que desaparecem no momento do contacto” (Postman & Weingartner, 1969).

Em Portugal, o ensino superior dos media e do jornalismo responde ainda, maioritariamente, à visão de um mundo social e tecnológico que não existe mais; reporta a um passado e a nostálgicas *idades de ouro*. Por outro lado, a indústria está sobretudo preocupada em reduzir custos e sobreviver, fechada no imediatismo. Entre utopia e distopia, quem cuida assim de conceber e concretizar um futuro que salvide a relevância de uma mediação cívica nas sociedades democráticas?

Se “as burocracias são os repositórios das assunções convencionais e das práticas estandardizadas – dois dos grande aceleradores da entropia”, é de admitir que o ensino precisa tornar-se numa actividade subversiva, “servindo como um tipo de burocracia anti-burocracia” (p. 12).

Quais os verbos predominantes no ensino superior no campo dos media? Precisamos olhar e aprender com o que *acontece* dentro das nossas salas de aula: a replicação de uma *dramaturgia de autoridade* (a do professor, a do coordenador, a do diretor, a da secretaria académica) e a ênfase na *mnemónica* (a memorização de informação). Os estudantes são fundamentalmente treinados no ato de *sentar*,

*ouvir e repetir.* Diriam Postman e Weingartner, são treinados para a entropia – e não para a *criação activa* de soluções.

A Agenda Digital para a Europa (UE) projeta horizontes para 2020. No domínio da investigação e da inovação, encontram-se contempladas áreas como as tecnologias emergentes, as infraestruturas digitais, e o ideal de uma ciência aberta – um “choque de futuro” para os nossos estudantes? Em Portugal, a iniciativa “Laboratórios de Participação Pública”, lançada em janeiro deste ano pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior anuncia “o objetivo de estimular o envolvimento público na construção de agendas de investigação e inovação e no debate de políticas públicas para a ciência e tecnologia e a difusão do conhecimento” (Ministério da Ciência, 2016). Vislumbramos a urgência em (re)ligar cidadãos e centros de produção de conhecimento? Do que precisamos para tal?

## A intermediação quebrada e a necessidade de media de “translação”

Um dos debates contemporâneos no domínio das políticas de saúde e da bioeconomia lida com uma pergunta que aqui nos é útil evocar: como transformar o conhecimento produzido em laboratório em valor real com impacto na vida dos pacientes? Trata-se de saber como tornar mais fluída e mais universalmente aplicável a cadeia de valor possibilitada pelo conhecimento científico.

A pertinência de uma pergunta fundou um campo de trabalho, a “Medicina de Translação”, centrada no estudo e desenvolvimento de soluções dentro das organizações. Façamos uma “translação” interrogativa para o domínio do ensino dos media digitais:

1. Como transferir o conhecimento gerado por investigadores integrados em centros de investigação para o contexto da sala de aula? Em Portugal, ainda que a tendência na estruturação das carreiras universitárias seja essa, nem todos os investigadores desenvolvem actividade docente – e vice-versa. E, em ambas as esferas, muitos são os que o fazem em condições sócio-económicas precárias (ex. falsos recibos verdes);

2. Como permitir que os currículos dialoguem com zonas de fronteira no conhecimento? No campo dos media digitais, não apenas essas zonas limítrofes se movem velozmente, desafiando a agilidade dos docentes e dos centros de investigação, como se desenvolvem em “nichos” experimentais em que não estão estabilizadas internacionalmente formas reguladas de actuação. Estes factores podem condicionar a estabilidade da aprendizagem e o cumprimento de objectivos de avaliação pedagógica (ex. jornalismo de sensores, jornalismo com recurso a drones, documentário imersivo, realidade virtual aplicada à não-ficção);

3. Como situar o ensino superior na busca de soluções efectivas para a comunidade na era da economia digital? Em Portugal, é manifesto o problema do abandono escolar, do desemprego jovem e ciclicamente sublinhada a necessidade de criação de novos locais de trabalho, novos negócios, novas oportunidades profissionais;

4. Como tornar acessível às comunidades locais as agendas, os processos e os resultados da investigação universitária? Num país extremamente litoralizado, são imprescindíveis dinâmicas de investigação-acção que, planeadas a médio e a longo prazo, conciliem os desafios globais com respostas locais;

Um dos pontos de partida para a proposta que desenvolvemos é, pois, uma evidente ausência de *pólos de intermediação* entre a sala de aula, o centro de investigação, a comunidade local, e a indústria: um problema de avaria histórica na *troca de conhecimento* e na *gestão da inovação*, uma intermediação quebrada (*"the broken middle"*) entre a universidade, como lugar de investigação e de ensino, e os contextos de aplicação desse conhecimento.

Esta capacidade de estabelecer uma intermediação interna e externa não é contudo uma competência automática na universidade e na indústria: protagonistas nos dois tabuleiros reclamam da falta de tempo para procurar possíveis caminhos e estruturas de colaboração, acabando dependentes da pré-existência de relações pessoais, de contactos, de projetos a necessitar de financiamento e de um conhecimento sobre *quem contactar* e *como contactar*. Por outro lado, um dos fatores que mais leva as empresas a não iniciar ou a desistir de parcerias de pesquisa e desenvolvimento é a percepção de uma pesada burocracia na tomada de decisões na universidade (Makimattila, Junell, & Rantala, 2015).

Em complemento ao ensino, investigação e transferência de conhecimento, a Universidade confronta-se, assim, com a emergência de um renovado papel na sociedade: a de corporizar uma intermediação de confiança (*"trusted intermediary"*) na criação de centros de inovação abertos (Striukova & Rayna, 2015), avaliados pela tomada de iniciativas mensuráveis na articulação de pólos frequentemente tidos por antagónicos.

A nossa proposta do laboratório experimental (*"protolab"*) como *tipo organizacional híbrido*, sede de práticas colaborativas com potencial de construção de futuros partilhados, baseia-se nesta capacidade de construção de parcerias, de alargar e aprofundar redes de cooperação interuniversitária, e de diálogo claro e eficaz com entidades orgânicas e externas. Numa expressão, trata-se de assumir o lugar e a cultura experimental de laboratório como uma *zona de troca* que opera com *objectos de fronteira* na intersecção de mundos ocupacionais distintos e onde "diferentes grupos com diferentes identidades, tipos de especialidade, ou antecedentes ocupacionais podem encontrar-se em torno de objectos particulares para comunicarem e colaborar" (Lewis & Usher, 2016).

Não é, contudo, suficiente escrevê-lo. São conhecidas as implicações práticas em processos que procuram melhorar o contributo das universidades noutros objetos de fronteira – que não são necessariamente materiais – a exemplo, os processos de desenvolvimento urbano baseados em conhecimento (*"knowledge-based urban development"*): as próprias universidades necessitam de reformular um conjunto de procedimentos de forma a garantir que, além de alargarem o leque de potenciais parceiros, se efetivam melhorias ao nível do ensino e da investigação (Benneworth & Cunha, 2015). Por outras palavras, os processos de inovação envolvendo a Universidade devem servir, eles próprios, para que a Universidade, enquanto instituição social, se desafie a *ser* e a *fazer* melhor.

No contexto dos estudos sobre inovação, este debate gira em torno da *capacidade de absorção* das organizações e há evidências que sugerem que o acesso e estabelecimento de compromissos entre universidades e empresas, ao nível da investigação, resulta numa busca qualitativamente superior por invenções – além dos benefícios em termos de otimização dos recursos existentes e do desenvolvimento mútuo de vantagens competitivas (Fabrizio, 2009).

No domínio do *futuro dos média e das notícias* – outro objeto de fronteira imaterial – é hoje crucial a criação intencional de zonas de troca (laboratórios experimentais), programadas para a colaboração em rede e executivamente coordenadas para a translação.

Para tal, ao nível da conceção-operacionalização, afiguram-se cruciais grupos de *universitários de fusão* apostados na institucionalização dessas *iniciativas de translação* – um tipo de burocracia anti-burocracia – baseadas em modelos de convergência e de busca pela inovação e no abandono de quadros institucionais centrados no estabelecimento de *fronteiras* entre unidades orgânicas, departamentos e disciplinas científicas.

## A “antidisciplinaridade” e a busca do erro informado

Na Europa, em particular na última década, o elogio ao potencial económico dos sectores culturais e criativos tornou-se, simultaneamente, lugar comum no discurso e omissão contínua na acção política. O efetivo papel destes dois setores é ainda largamente ignorado: em 2003, o volume de negócios gerado pelos sectores das artes visuais, artes performativas, património, cinema e audiovisual, televisão e rádio, videogames, música, edição livreira, design, arquitetura e publicidade era o dobro do gerado pela indústria europeia de construção automóvel (“The Economy of Culture in Europe,” 2006).

Uma parte significativa dos resultados destas atividades é composta por protótipos, evidenciando um potencial, frequentemente desperdiçado, para registo de patentes e de direitos de autor. Apesar disso, os setores têm recebido dos governos europeus um investimento marginal, fruto da perceção de que as artes e a cultura residem no domínio do entretenimento e não no epicentro europeu de impactos económicos diretos e indiretos, por exemplo, em termos de emprego altamente qualificado.

A cultura é, assim, um domínio-chave para a era pós-industrial (Van de Borg & Russo, 2005) e as universidades surgem naturalmente como potenciais catalisadores da economia baseada nas transferências de conhecimento e na produção cultural. Os mais bem sucedidos casos de criação de ecossistemas sustentáveis orientados para a inovação acumulam traços bem identificados: (1) a presença de elementos de ligação à sociedade, (2) a existência de organismos e projetos coordenados, e (3) a perspectiva de melhorar a interdisciplinaridade como objectivo estratégico, entre outros (Ferrer-Balas et al., 2008).

Na Europa, as universidades são progressivamente induzidas à captação de financiamento competitivo junto de parceiros estratégicos, com os governos nacionais sem capacidade ou sem vontade política de suportar financeiramente o investimento na inovação. Mas, além dessa *intermediação externa*, há hoje condições no campo dos média para que se assuma que as próprias instituições de ensino superior se

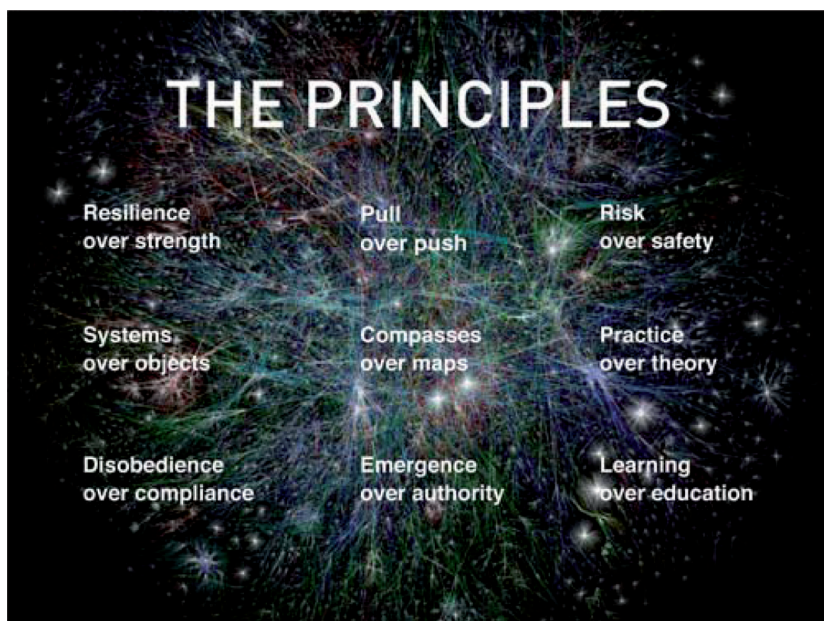
estabeleçam como proponentes de soluções (produtos e serviços) – e não apenas como emissores de diagnósticos.

No campo do jornalismo, já em 2009, no contexto dos E.U.A, se propunha que as universidades “devem ser laboratórios para a inovação digital”, em particular, “tornar-se fontes contínuas sobre assuntos especializados, locais e estatais, e integrar reportagens em torno da prestação de contas [“accountability”] nas suas missões educativas. Devem operar as suas próprias organizações noticiosas, alugar plataformas para outras organizações não-lucrativas e dedicadas ao jornalismo de investigação” (Downie Jr & Schudson, 2009).

Presença consistente no topo dos rankings internacionais de ensino superior, o Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT Media Lab) estimula uma “cultura antidisciplinar”, procurando ir além de fronteiras e de disciplinas e “encorajando a mistura menos convencional de áreas de investigação aparentemente díspares”. Da lista de projetos do MIT Media Lab fazem parte tópicos como o autismo, a informação cívica, a biónica, a aprendizagem móvel, a eletrónica de consumo, o urbanismo, o futuro das notícias e da narrativa, a visualização de dados, os media visuais, entre outros.

O estabelecimento de princípios claramente vocacionados para a inovação não apenas permitem ao MIT Media Lab, ao nível metodológico, o desenvolvimento do paradigma “DUI” (Doing, Using, Interacting), baseado em projetos desenvolvidos por grupos autónomos e centrados no utilizador, como, num nível organizacional, o afirmam como uma instituição aberta ao erro informado – uma organização que aprende (“learning organization”), facilitando a sua permanente transformação (Senge, 2006).

### Princípios do MIT Media Lab



Pensemos em exemplos familiares: o dos antibióticos (ex. penicilina), o da radiação eletromagnética, ou de uma longa exposição fotográfica. Conseguimos compreender como a diferença entre um erro fatal e uma descoberta revolucionária é, frequentemente, uma questão de *quantidade* e de *perspetiva*? Nas denominadas “ciências exatas”, nada disto é novo: o laboratório, acumulando tentativa e erro, foi desde cedo uma *instituição* e uma *cultura* e, através dele, a afirmação de um modo de conhecer. Mas, no ensino e na investigação dos media e do jornalismo – e mesmo perante a sua *imaterialização* por via do ADN digital – é persistente uma indisponibilidade para acomodar o incerto, o imprevisível, o mutável.

Trata-se de assumir um ensino por *experiência* e por *procedimento*, capaz de levar a teste *teorias* e *conceitos* e de, assim, gerar um *saber* e um *fazer* orientados à iteração. Na indústria, *BBC News Lab*, *New York Times Labs*, *The Guardian Labs*, *SAPO Labs* exemplificam esta abertura experimental e também a universidade se abre já à convergência, com cursos superiores em campos como o jornalismo e as ciências da computação (Columbia University), jornalismo de dados (Stanford University), ou jornalismo computacional (Cardiff University).

### **iNOVA Media Lab: rumo a um ecossistema da investigação-acção**

O iNOVA Media Lab nasce na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA como um espaço experimental dedicado à investigação, desenvolvimento e produção no campo da narrativa digital, da tecnologia e da inovação, envolvendo professores, investigadores e alunos em projetos pedagógicos, científicos e empreendedores.

O laboratório procura, assim, trabalhar na interseção entre as ciências sociais e o desenvolvimento tecnológico digital para os media, juntando trabalho em sala de aula, investigação experimental laboratorial e comunidades locais, trazendo à mesma mesa peritos nacionais e internacionais da academia e da indústria, numa perspetiva de transferência de conhecimento e inovação.

Nesta visão são fundacionais as práticas laboratoriais de *experimentação* (uma procura do erro informado) e de *prototipagem* (o ensaio de respostas) como representações de um lugar de intermediação entre a Universidade e a economia criativa: a realização de parcerias com entidades públicas e privadas em projetos comuns, o estímulo ao rejuvenescimento dos recursos humanos, a coordenação de ações de inovação de base científica em áreas de grande potencial económico, social ou cultural, a incubação de *start-ups*, estancando a “fuga de cérebros” e fomentando a investigação-acção como um compromisso baseado na cooperação interdisciplinar.

O iNOVA Media Lab abraça o desafio da criação de um “ecossistema” de inovação digital e não de um “microcosmo”: propõe-se à adoção de uma política de incentivo a relações de interdependência criativa, baseadas na diversidade genética da interdisciplinaridade, situada em redes nacionais e internacionais e estimulando o desenvolvimento de *clusters* transuniversitários.

### **Referências**

Benneworth, P., & Cunha, J. (2015). Universities’ contributions to social innovation: reflections in theory & practice. *European Journal of Innovation Management*, 18(4), 508-527.



- Downie Jr, L., & Schudson, M. (2009). The Reconstruction of American Journalism: Columbia Journalism Review.
- The Economy of Culture in Europe. (2006): European Commission - Directorate-General for Education and Culture.
- Fabrizio, K. R. (2009). Absorptive capacity and the search for innovation. *Research Policy*, 38(2), 255-267.
- Ferrer-Balas, D., Adachi, J., Banas, S., Davidson, C. I., Hoshikoshi, A., Mishra, A., ... Ostwald, M. (2008). An international comparative analysis of sustainability transformation across seven universities. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 9(3), 295-316.
- Lewis, S. C., & Usher, N. (2016). Trading zones, boundary objects, and the pursuit of news innovation: A case study of journalists and programmers. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 1(18).
- Makimattila, M., Junell, T., & Rantala, T. (2015). Developing collaboration structures for university-industry interaction and innovations. *European Journal of Innovation Management*, 18(4), 493-507.
- Ministério da Ciência, T. e. E. S. (2016). *Laboratórios de Participação Pública*. Retrieved from <http://www.portugal.gov.pt/media/18443911/20160127-mctes-lab-part-pub-geral.pdf>.
- Postman, N., & Weingartner, C. (1969). *Teaching as a Subversive Activity*. New York: Dell Publishing.
- Senge, P. M. (2006). *The Fifth Discipline: The Art & Practice of The Learning Organization*. USA: Random House.
- Striukova, L., & Rayna, T. (2015). University-industry knowledge exchange: An exploratory study of Open Innovation in UK universities. *European Journal of Innovation Management*, 18(4), 471-492.
- Van de Borg, J., & Russo, A. P. (2005). The Impacts of Culture on the Economic Development of Cities: A research into the cultural economies and policies of Amsterdam, Bolzano, Edinburgh, Eindhoven, Klaipeda, Manchester, Rotterdam, Tampere, The Hague and Vienna European Institute for Comparative Urban Research Erasmus University Rotterdam.